

# Cobertura climática desde o Sul: análise crítica de discursos jornalísticos não hegemônicos

Eloisa Beling Loose

Recebido em: 27.06.21  
Aprovado em: 11.02.22

Eloisa Beling Loose

Doutora em Comunicação (UFRGS), Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR), professora substituta na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação UFRGS.

E-mail: [eloisa.loose@gmail.com](mailto:eloisa.loose@gmail.com)

## Resumo:

Este artigo analisa os sentidos e as estratégias dos discursos jornalísticos sobre mudanças climáticas de três veículos não hegemônicos, comprometidos com uma sociedade mais sustentável: *Colabora*, *Conexão Planeta* e *Envolverde*. A pesquisa é ancorada metodologicamente na Análise Crítica do Discurso e se debruça sobre a cobertura sobre mudanças climáticas nos anos de 2019 e 2020. Os resultados revelam que os discursos sobre a emergência climática são fortemente atravessados pela perspectiva do Norte Global, sendo dominantes os enquadramentos sobre ações e efeitos, com forte espaço para atores do campo científico. Os ativistas, frequentemente ignorados pelos veículos hegemônicos, ganham destaque, mas não refletem o pluralismo esperado. As causas do colapso climático quase não são mencionadas. O sistema capitalista-colonialista, responsável pelo agravamento da crise climática, continua sendo invisibilizado, evidenciando traços da colonialidade jornalística mesmo nos meios que não podem ser categorizados como hegemônicos.

**Palavras-chave:** Jornalismo não hegemônico. Mudanças climáticas. Discursos.

## Climate coverage from the South: Critical analysis of non-hegemonic journalistic discourses

### Abstract:

This article aims to analyze the meanings and strategies used by three non-hegemonic media in their journalistic discourses on climate change, all of them committed to the transformation of a more sustainable society: *Colabora*, *Conexão Planeta* and *Envolverde*. This research is methodologically anchored in Critical Discourse Analysis and investigates the coverage of climate change in the years 2019 and 2020. The results demonstrate that the discourses on the climatic emergency are strongly crossed by the perspective of the North and dominated by a framework of actions and effects, and referring to scientific field stakeholders as the main sources. Activists, often ignored by hegemonic media, occasionally stand out, but do not reflect the expected pluralism. The causes of climate collapse are almost not mentioned. The capitalist-colonialist system, responsible for the worsening of the climate crisis, continues invisible, signaling the presence of a journalistic coloniality even in the media that cannot be categorized as hegemonic.

**Keywords:** Non-hegemonic journalism. Climate change. Discourses.

Estudos em Jornalismo e Mídia  
v.19, n.1, jan./jun. 2022.  
ISSNe 1984-6924

As mudanças climáticas (MCs) são um dos temas ambientais que mais obtiveram atenção pública nos últimos tempos. Segundo Leff (2010, p. 146), elas são “[...] o sinal mais eloquente da crise civilizatória por que passa a humanidade”, fruto de um distanciamento da sociedade com a natureza e de uma exploração desmedida que ignora os limites do planeta. Encarar o problema requer medidas drásticas nos próximos anos e implica, inevitavelmente, alterar a mentalidade política e econômica que sustenta a sociedade desde a Revolução Industrial. Nesse sentido, os meios de comunicação são arenas relevantes de exposição, nas quais há inúmeras disputas discursivas, mesmo que em algumas haja predominâncias e ocultamentos de pontos de vista.

As pesquisas sobre comunicação das MCs costumam observar como os meios hegemônicos (também chamados de tradicional, convencional, de referência, *mainstream* ou comercial) representam a crise climática, chegando à conclusão de que os enquadramentos e as perspectivas majoritariamente acionadas são as dos países ditos desenvolvidos, voltadas muito mais para os riscos do que para seu enfrentamento. A imprensa hegemônica está associada à objetividade, ao seu amplo alcance e influência na sociedade, e ao fato de ter uma estrutura econômica estável. Já o jornalismo não hegemônico, neste contexto, refere-se aos meios que não possuem uma forte estrutura organizacional, atingem públicos menores e, em diferentes graus, afastam-se do cânone da objetividade. Apesar das diferenças, Kenix (2011) lembra que há muitos pontos convergentes entre as duas modalidades de jornalismo, como se verá adiante. Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa realizada com alguns veículos digitais brasileiros não hegemônicos (a saber: *Envolverde*<sup>1</sup>, *Conexão Planeta*<sup>2</sup> e *Colabora*<sup>3</sup>), que cobrem com frequência a questão climática.

Teoricamente, o jornalismo não hegemônico apresenta mais caminhos para apontar saídas e envolver os cidadãos. Hackett (2016) sinaliza que a mídia chamada alternativa tem uma capacidade de trabalhar com enquadramentos e paradigmas mais adequados ao enfrentamento da crise global, em razão de suas próprias características ideais: comunicação horizontal, produção participativa, abertura aos movimentos sociais, localismo, independência econômica e engajamento com as comunidades. Por outro lado, existem os desafios da marginalização, dificuldades para se sustentar e, conseqüentemente, precarização das atividades. É a partir desse entendimento, de que outra cobertura climática é possível nos meios não hegemônicos, que se pressupõe uma cobertura climática mais plural e questionadora nos veículos escolhidos nesta análise.

Busca-se identificar quais são os sentidos dos discursos sobre as mudanças climáticas dos veículos digitais não hegemônicos e se há diferenças nas representações da crise climática a partir desse lugar. Metodologicamente, a pesquisa apropria-se da Análise Crítica do Discurso (ACD), por ser este um caminho interdisciplinar, posicionado contra o abuso de poder que é estabelecido, confirmado ou legitimado por meio dos textos ou falas (VAN DIJK, 2005) e convergente com as práticas jornalísticas ambientais. Faz-se necessário continuar os estudos dos discursos das mídias, pois eles exercerem poder, simbólico e persuasivo (ainda que limitado), sobre as representações mentais que moldam nosso cotidiano. Resende e Acosta (2018) recordam que a repetição de um discurso pode ser uma forma de alcançar hegemonia e, portanto, manutenção do poder. Mas, para além disso, é também preciso identificar o que não é dito, aquilo que não é visibilizado pelos discursos jornalísticos, à semelhança da proposta de Góes (2017), que observa as ausências e os silenciamentos na cobertura jornalística.

Acrescentam-se as contribuições dos estudos decoloniais ou pós-coloniais<sup>4</sup> ao campo jornalístico, que buscam questionar a perspectiva hegemônica e dar visibilidade às formas alternativas de compreensão e prevenção dos riscos climáti-

<sup>1</sup>Disponível em: <https://envolverde.com.br/>. Acesso em 26 jun. 2021.

<sup>2</sup>Disponível em: <https://conexaoplaneta.com.br/>. Acesso em 26 jun. 2021.

<sup>3</sup>Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/>. Acesso em 26 jun. 2021.

<sup>4</sup>Embora se tenha conhecimento das diferenças entre essas correntes e outras, adota-se aqui a crítica compartilhada sobre o colonialismo e suas formas de exploração.

cos (por isso a escolha de veículos ditos não hegemônicos). A partir da dicotomia Norte-Sul, reflete-se sobre a necessidade de romper com o pensamento único e permitir a coexistência de diferentes olhares.

A perspectiva hegemônica do pensamento do Norte, formalizada em fluxos de governança “de cima para baixo”, trabalha com ações e estratégias em razão de seu contexto e ponto de vista, percebendo o mundo como uma sociedade globalizada. No entanto, há discrepâncias e garantias muito diferentes entre os países do Sul e Norte Global. Assim, parte-se desta crítica ao pensamento colonial, que ignora e/ou desvaloriza os saberes e ações oriundos das experiências dos povos do Sul, para observar se há dentro do jornalismo espaços para visibilizar discursos outros sobre as mudanças climáticas, condizentes e viáveis neste lado da linha abissal (SOUSA SANTOS; MENESES, 2010).

A seguir apresentam-se seções a respeito da cobertura climática nas modalidades do jornalismo hegemônico e não hegemônico. Na sequência, expõe-se uma síntese da análise empreendida nos veículos não hegemônicos já citados e as considerações finais.

### **A cobertura hegemônica das mudanças climáticas**

A maioria dos estudos sobre comunicação e MCs são oriundos do Norte Global, sobretudo da Europa, Austrália, Nova Zelândia e nos Estados Unidos (BOYKOFF, 2011) e tratam da cobertura das MCs na imprensa escrita impressa (jornais), sendo conduzidas por falantes de língua inglesa (SHANAHAN, 2009). Há várias lacunas nos estudos desse binômio em países que falam outras línguas, sobretudo do Sul Global. Loose (2019) identificou que ainda são poucos os estudos realizados em países já reconhecidos como os mais vulneráveis aos riscos climáticos, como os da América Latina e África, por exemplo, e que as pesquisas seguem privilegiando os meios de comunicação tradicionais ou hegemônicos.

Na literatura da área predominam as análises sobre os discursos dos meios de comunicação, observando os sentidos de uma abordagem mais alarmista ou catastrofista (HULME, 2009), que envolva riscos (PAINTER, 2013) ou o uso de representações visuais e icônicas (O'NEILL; NICHOLSON-COLE, 2009). Há pouco mais de uma década, outras abordagens começam a surgir, como estudos com jornalistas sobre suas normas e rotinas profissionais e sua relação com a cobertura das MCs (BRUGGEMANN; ENGESSER, 2014), além das pesquisas sobre percepção, recepção e consumo dessas informações, centradas nos públicos (BUTLER; PIDGEON, 2009).

Desde a COP-15, em 2009, aumentou-se o interesse pela temática. Neverla (2008) diz que a questão climática foi ampliada e houve o estabelecimento de uma agenda política globalizada nos discursos nacionais. No Brasil, um dos primeiros estudos nesta interface foi conduzido por Vivarta (2010) e analisou a cobertura do tema em 50 jornais de diferentes estados, de julho de 2005 a dezembro de 2008 (dividida em dois períodos de análise). Dentre as conclusões, são evidenciados picos de cobertura seguidos por esvaziamento, a maior cobertura do tema por jornais nacionais em comparação aos regionais, e uma recente valorização de pautas que relacionam as MCs com aspectos específicos do contexto brasileiro.

A partir de então vários estudos podem ser encontrados, mas sempre centrados em veículos tradicionais, como, por exemplo, o de Zoccoli Carneiro (2008), que investigou o discurso do aquecimento global construído pelo jornal *O Globo*, e o de Moraes (2015), que analisou os discursos sobre a mudança climática durante a cobertura da Rio+20 nas revistas semanais *Veja*, *Isto É*, *Época* e *CartaCapital*. Mesmo a análise realizada em um jornal de abrangência estadual, com foco no local, revelou que a cobertura do tema costuma ter como origem agências de notícias nacionais ou internacionais, sendo eventuais as conexões com a realidade

do município ou da região (LOOSE, 2020), o que reproduz, em alguma medida, a perspectiva “de cima para baixo”.

### Estudos sobre clima e jornalismo não hegemônico

No início da pesquisa, em 2019, não foram encontrados estudos em língua portuguesa focados nas MCs em meios de comunicação que não fossem hegemônicos. A busca pelos termos-chave desta pesquisa, em inglês, no Google Acadêmico, encontrou poucos trabalhos. Um deles é o artigo de Pepermans e Maesele (2017), que parte de exemplos de jornalismo alternativo na Bélgica e Holanda para evidenciar que existe uma forma crítica, voltada para padrões, causas e valores que cercam a questão climática e não apenas eventos excepcionais ou novidades. Os autores pontuam que é preciso questionar o *status quo*, amplamente associado à crise climática, e defendem uma produção noticiosa mais reflexiva e engajada, em detrimento da postura imparcial e/ou neutra geralmente adotada pelos meios tradicionais.

Moernaut e Mast (2018) analisam os enquadramentos das notícias sobre o tema em veículos alternativos e *mainstream* na Bélgica, revelando semelhanças entre as duas abordagens, apesar de as preocupações/posicionamentos serem divergentes em razão das especificidades de cada modalidade de jornalismo.

Kenix (2011) apresenta em *Alternative and Mainstream Media: The Converging Spectrum* um exemplo comparativo da cobertura climática realizada em jornais hegemônicos e alternativos na Nova Zelândia e nos Estados Unidos, expondo que há muitas semelhanças entre as representações alternativas e tradicionais das mudanças do clima. Ao contrário do que se poderia imaginar, as duas modalidades de jornalismo dedicam metade da sua cobertura para a mesma discussão: as consequências. Além disso, muito provavelmente por seguirem os mesmos critérios de noticiabilidade e partilharem dos mesmos entendimentos sobre credibilidade das informações, as fontes governamentais acabaram sendo as mais frequentes, assim como o enfoque científico foi mais enfatizado, nos dois tipos de jornalismo. Apesar das convergências, a autora assinala que algumas escolhas, diretamente associadas à ideologia dos veículos, foram observadas, desvelando o que o jornal pensa ser a causa da crise climática, quem é afetado e quem é o responsável.

A obra *Journalism and Climate Crisis: Public Engagement, Media Alternatives*, de autoria de Robert A. Hackett, Susan Forde, Shane Gunster e Kerrie Foxwell-Norton é a única encontrada na busca por livros. Os autores discutem aspectos que apontam a mídia alternativa e o jornalismo independente como estruturas-chave para a democracia e a comunicação climática. Afinal, se há interesses comerciais que cerceiam a apresentação de causas ou soluções, esperamos que a mídia não dependente dessa estrutura e contexto possa trazer à tona outras perspectivas (ROBIE, 2017). Esse argumento sustenta a hipótese de que os meios não hegemônicos trarão outros pontos de vista em relação ao debate climático, sobretudo na apresentação de medidas de enfrentamento.

Uma análise comparativa entre jornais da Turquia, a respeito da securitização climática, revelou que a cobertura alternativa abre espaço para vozes de ativistas e de movimentos sociais que costumam ser ignorados pelos veículos hegemônicos, o que amplia a discussão política sobre MCs (GÜNAY; ISERI; ERSOY, 2019). Na verdade, os discursos dos meios não hegemônicos permitem contrapontos e críticas que tendem a ser minimizados ou silenciados em razão dos interesses políticos e econômicos que são intrínsecos à manutenção de poder requerida pelos grandes veículos.

Os resultados da pesquisa bibliográfica realizada mostram que a combinação entre os elementos aqui citados (jornalismo não hegemônico, alternativo ou independente + mudanças climáticas) é rara em língua inglesa e portuguesa,

coincidindo com lacunas já citadas por referências em anos anteriores (CARVALHO; VAN WESSEL; MAESELE, 2017). Contudo, ainda que se levem em conta as limitações de alcance, é justamente a esse tipo de imprensa que é delegado o papel de motivar e mobilizar de forma mais ampla a consciência pública sobre a emergência climática e maneiras de enfrentá-la (GUNSTER, 2012). Afinal, como destacam Pepermans e Maesele (2017), quando há uma despolitização das mudanças climáticas (por meio da representação do tema em termos consensuais, gerenciais ou tecnocráticos), mina-se o debate democrático para rever a estrutura e os modos de vida que estão na origem da crise climática.

Logo, a partir da compreensão do jornalismo não hegemônico, o objetivo deste trabalho é analisar criticamente os discursos da cobertura das mudanças do clima no Brasil em três meios jornalísticos digitais, com base nos questionamentos decoloniais/pós-coloniais.

### **Análise da cobertura climática de *Colabora*, *Conexão Planeta* e *Envolverde***

A escolha dos veículos estudados se deu a partir de uma iniciativa da *Agência Pública*<sup>5</sup> chamada “Mapa do jornalismo independente”, que está em constante atualização e tem acesso público. A proposta reuniu uma grande quantidade de meios que 1) produzem primordialmente conteúdo jornalístico; 2) nasceram na rede; 3) são caracterizados como projetos coletivos (são mais que blogs, geralmente mantidos de forma individual); e 4) não possuem ligação com grandes grupos de mídia, políticos, organizações ou empresas. Por não existir outro mapeamento semelhante nem dados públicos sobre os acessos a veículos não hegemônicos – como ocorre com os principais meios jornalísticos hegemônicos, sobre os quais existem dados de circulação e acesso, por exemplo –, partiu-se desse universo para descobrir quais seriam os meios de comunicação que estavam atentos à pauta ambiental. A triagem foi baseada nos meios jornalísticos que mais cobriam o tema das MCs e que permitiam acesso aberto às notícias. O resultado foi obtido a partir da quantidade expressiva de notícias ligadas ao tema. Dois deles (*Colabora* e *Conexão Planeta*) apresentaram editoriais específicas na área de clima e dois tinham categorias associadas ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 13, referente à ação climática (*Colabora* e *Envolverde*).

As autoapresentações dos veículos revelam a postura de um jornalismo comprometido com a expansão da consciência ambiental por meio de informações qualificadas, condizentes com os princípios e pressupostos do Jornalismo Ambiental (GIRARDI; LOOSE; ALMEIDA DA SILVA, 2018). Os citados veículos apresentam uma concepção ambiental ampliada, que conecta aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos, etc., mostrando-se, à primeira vista, alinhados com a racionalidade ambiental (LEFF, 2001). Entretanto, suas posições em relação à cobertura jornalística de meio ambiente possuem gradações diferentes em relação ao engajamento e à contestação do sistema. Identificou-se que *Colabora* e *Conexão Planeta* assumem um ativismo abertamente, enquanto *Envolverde* se mostra mais próximo do discurso supostamente neutro ou reformista, inclusive ofertando conteúdos e serviços para empresas, o que supõe um entendimento conciliatório entre os interesses do mercado e aqueles atrelados ao cuidado ambiental.

O período temporal de análise engloba os anos de 2019 e 2020 (a fim de se ter uma ideia de como seria a cobertura em um período sem pandemia). A metodologia utilizada foi a Análise Crítica do Discurso, orientada pelas diretrizes de Carvalho (2015). Neste texto evidencia-se as etapas da análise do discurso jornalístico em cinco aspectos: 1) tópicos (temas relevantes), 2) atores, 3) linguagem, gramática e retórica, 4) silenciamentos e 5) posições ideológicas. Nesse último caso destaca-se a ideologia antropocêntrica *versus* a biocêntrica, observando que a primeira entende as MCs como uma questão tecnocrática, dependente

<sup>5</sup>Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos/>. Acesso em 26 jun.2021.

apenas da participação de experts e de soluções alinhadas à economia verde, separando a questão climática do modelo de desenvolvimento atrelado ao capitalismo, à globalização e à expansão da economia neoliberal (TORNEL, 2019), enquanto a segunda segue na linha oposta: valoriza todas as formas de vida, independentemente da escassez ou da abundância e da oferta ou da demanda – coloca em xeque a racionalidade econômica que guia a forma da humanidade se relacionar com a natureza.

A fim de obter uma visão panorâmica dos dois anos de cobertura de cada veículo, realizou-se uma categorização, a partir do exame dos tópicos predominantes em cada um dos veículos não hegemônicos analisados, considerando o título e o *lead*. Seguem os tópicos observados:

- a) Causas: focado no modelo de desenvolvimento orientado para o crescimento econômico (capitalista, colonialista, neoliberal) e em atividades emissoras de gases de efeito estufa (GEE);
- b) Efeitos: centrado nas consequências negativas (e eventualmente positivas) das mudanças do clima, como riscos e desastres (por exemplo: extinções de espécies, aumento do nível do mar, degelo, inundações, estiagens, etc.);
- c) Soluções: contém iniciativas dos setores privado e público orientadas para formas de mitigar ou adaptar; diz respeito a medidas concretas e não a planos ou recomendações;
- d) Ações pró-clima: engloba manifestações nas ruas, declarações de celebridades e promessas de políticos, exposições, criação de fundos e campanhas, além de outros eventos que buscam debater, sensibilizar e promover a ação climática, como as Conferências das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COPs);
- e) Críticas à inação: reúne notícias que tratam de atitudes incompatíveis com o enfrentamento do clima e sobre o posicionamento de negacionistas, sobretudo de autoridades públicas.

*Colabora* é o veículo com maior diversidade de autoria e tópicos, ainda que seu modo de dizer e fazer seja bastante semelhante aos discursos jornalísticos hegemônicos, com uso frequente da terceira pessoa para gerar efeito de distanciamento e bastante ancorado nas vozes da ciência para dar o sentido de veracidade e credibilidade.

Dentre todos os veículos, foi aquele que mais trouxe o contexto nacional no debate climático e que deu mais espaço aos indígenas, publicando matérias de diferentes grupos: em “*Os cinco anos mais quentes da história*” (23 de setembro de 2019) há manifestação a partir de nota da Associação Terra Indígena Xingu; em “*Petição em prol do Cerrado*” (12 de setembro de 2019) há citação do Conselho Indigenista Missionário, de Joênia Wapichana e de Hiparidi Toptiro, coordenador geral da Mobilização dos Povos Indígenas do Cerrado; em “*Mulheres no comando para enfrentar crise climática*” (08 de novembro de 2019) ouve-se a primeira deputada federal indígena eleita, Joênia Wapichana; em matérias sobre a COP-25, a líder indígena Sônia Guajajara aparece como fonte – “*Polarização chegou nas aldeias*” (06 de dezembro de 2019), “*Negociadores surdos ao apelo das ruas*” (07 de dezembro de 2019) e “*Cobranças e protesto contra o governo Bolsonaro na COP-25*” (09 de dezembro de 2019); em “*Amazônia aberta ao garimpo*” (06 de fevereiro de 2020) há a manifestação da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil; e “*A seca*

como testemunha das ameaças contra 216 os Xakriabá [maior população indígena de Minas Gerais e também uma das dez maiores do país]” (04 de maio de 2020) enfatiza a realidade desse grupo.

Observe que as causas correspondem ao tópico menos explorado e que os efeitos são aqueles temas prioritariamente destacados na cobertura:

### GRÁFICO 1 – TÓPICOS ACIONADOS POR COLABORA AO LONGO DOS DOIS ANOS



FONTE: Elaboração própria (2021).

*Conexão Planeta*, por sua vez, aposta no uso da primeira pessoa do plural e do singular, revelando veementemente seu apreço pela jovem ativista Greta Thunberg e seu repúdio por autoridades negacionistas (dedica manchetes ao tema). Mobiliza com frequência a ironia e perguntas de retórica, dando amplo espaço para ativistas.

Nos dois anos de análise foi aquele meio que mais produziu conteúdos, ainda que muitos tenham sido originados de veículos hegemônicos, e o que mais trouxe a perspectiva do Norte Global, não explorando os incêndios no Pantanal e proporcionalmente falando muito pouco do desmatamento e das queimadas na Amazônia (há essas manchetes no *corpus* do veículo: “Leonardo DiCaprio denuncia desmatamento na Amazônia em seu #desafio10anos” (11 de fevereiro de 2019), “Aquecimento e desmate podem cortar a Amazônia pela metade até 2050” (26 de junho de 2019), “230 investidores de fundos no valor de U\$16,2 trilhões cobram ações de empresas contra desmatamento na Amazônia” (19 de setembro de 2019), “Fóssil do Dia: Brasil ganha prêmio por culpar as organizações da sociedade civil pelos incêndios na Amazônia” (04 de dezembro de 2019), e “Emissões sobem 10% no primeiro ano de Bolsonaro devido à alta do desmatamento na Amazônia” (06 de novembro de 2020). Nota-se que mais da metade delas são derivadas de ações externas ao Brasil e as outras duas são republicações do Observatório do Clima.

Corroborando esse distanciamento com produções a partir do Sul, os indígenas são citados, mas não há espaço para suas falas, como podemos verificar em “Artistas, 217 indígenas e jovens do Projeto Guri gravam videoclipe de alerta sobre o clima e o futuro do planeta: ‘Para onde vamos?’” (20 de dezembro de 2019) e “Sonia Guajajara usa máscara criada pela artista Néle Azevedo para a campanha de 5 anos do ‘Acordo de Paris’” (14 de dezembro de 2020). Em “Greta Thunberg se reúne com indígenas americanos Sioux pelo clima, participa de protestos e recebe nome de origem Lakota” (14 de setembro de 2019) e “Sabedoria indígena contra as mudanças climáticas: líderes criam rede de acesso a financiamento”, há citações de falas indígenas, e durante a COP-25, Joênia Wapichana teve espaço na matéria “Ricardo Salles mente e revela falta de compaixão e de diálogo na conferência do clima da ONU, em Madri” (10 de dezembro de 2019), mas são exceções. Considerando que

esse veículo apresenta quase o dobro de matérias que os demais, entende-se que a visibilidade dada para povos indígenas é bastante limitada.

Os ativistas são amplamente citados, especialmente Greta Thunberg e celebridades envolvidas em mobilizações climáticas. Destaca-se, porém, que, embora os ativistas tenham espaço, isso não significa realmente um rompimento com o modelo tradicional. Mesmo que eles recebam uma visibilidade muito superior àquela geralmente encontrada na mídia hegemônica, há uma concentração e repetição que projetam nesses veículos um outro tipo de dominância. Como afirma Bossato Fernandes (2019), o que acaba sendo priorizado é uma contra-elite, composta por ativistas, enquanto outros cidadãos não são ouvidos ou são citados apenas como ilustração.

Isso remete à manutenção de determinados valores-notícia do jornalismo tradicional, que reproduzem valores e hierarquizações sociais, escalonando a relevância dos sujeitos e limitando seus espaços de fala, o que demonstra o quanto essa estrutura não foi descartada pelos media alternativos. (BOSSATO FERNANDES, 2019, p. 292).

Abaixo é possível ver a predominância de tópicos sobre ações pró-clima e efeitos, enquanto as causas continuam recebendo quase nenhuma atenção:

### GRÁFICO 2 – TÓPICOS ACIONADOS POR CONEXÃO PLANETA AO LONGO DOS DOIS ANOS



FONTE: Elaboração própria (2021).

Já *Envolverde* se diferencia pela pluralidade de abordagens e visões de mundo, reunindo perspectivas até mesmo antagônicas. É mais semelhante ao *Colabora*, pela forma como se coloca no texto, em terceira pessoa, e por trazer mais aspectos nacionais do que internacionais, mas se diferencia por ser um curador de conteúdo, com poucas produções próprias e inéditas.

Não trouxe nenhuma matéria específica sobre as queimadas do Pantanal e sobre aquelas ocorridas na Amazônia, repercutiu crítica do Observatório do Clima – “*Degola no Ibama atrapalha estratégia de RP de Mourão*” (16 de abril de 2020) – e publicou “*Amazônia: agricultores causam maioria das queimadas, e não índios e caboclos, diz cientista Carlos Nobre*” (23 de setembro de 2020) e “*Agrônomo André Guimarães comenta sobre desmatamento e a atuação do Governo Federal*” (16 de outubro de 2020).

A respeito das vozes do Sul, durante a cobertura da COP-25 deu amplo espaço aos indígenas (há oito textos da série “*Defensores climáticos*” com indígenas ou partidários da causa e mais duas matérias que destacam a mobilização indígena nas manchetes) por conta da campanha da 350.org e ainda, em outros períodos do ano, publicou: “*Ailton Krenak fala de sua leitura de mundo no contexto das mudanças climáticas*” (08 de outubro de 2019) e “*Alerta verde: como os indígenas vêm*”

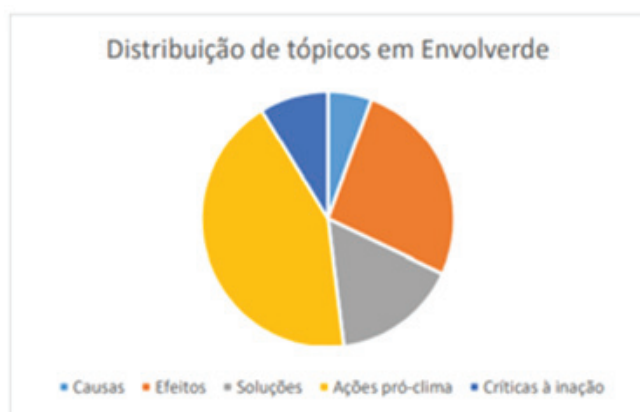


sentindo as mudanças climáticas na floresta” (14 de maio de 2020), na qual ouve o líder Antonio Veríssimo Apinajé, a coordenadora da Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia, Maria Leonice Tupari, e a coordenadora do Departamento Ambiental do Conselho Indígena de Roraima, Sineia do Vale. A notícia “Nobel alternativo premia os defensores climáticos Davi Kopenawa e Greta Thunberg” (27 de setembro de 2019) apenas cita os homenageados.

Ao mesmo tempo que, quantitativamente, é o veículo que mais dá visibilidade às falas indígenas, é também o veículo que menos problematiza as soluções economicistas que vão de encontro à ideologia biocêntrica presente nos discursos desses povos, inclusive colocando-se a favor de soluções tecnológicas controversas, como a geoengenharia solar.

Aqui novamente as ações pró-clima se destacam, seguidas pelos efeitos:

### GRÁFICO 3 – TÓPICOS ACIONADOS POR ENVOLVERDE AO LONGO DOS DOIS ANOS



FONTE: Elaboração própria (2021).

O veículo se caracteriza pela menor quantidade de críticas e maior ênfase nas soluções, quase todas direcionadas pelo setor privado e dentro do escopo do sistema econômico vigente. Assim como os demais meios, não há preocupação com o equilíbrio informativo, sustentando uma missão de divulgar boas práticas sem colocá-las em xeque. A diferença notada é a abertura para vozes do campo econômico, nem sempre preocupadas em primeiro lugar com o cuidado ambiental. Essa quantidade maior de soluções apresentadas, resultantes de iniciativas empresariais sem contextualização e criticidade, auxilia na promoção de ações empresariais ditas verdes ou sustentáveis.

As republicações oriundas de outras mídias, inclusive hegemônicas, ocorrem nos três veículos, mas *Conexão Planeta* investe mais na edição, demonstrando um papel de produção mais ativa e, com isso, trazendo o conteúdo apurado por outros com sua própria linguagem e estilo. Isso fica evidente na forma como o veículo se coloca em relação aos temas e como interpela o leitor, bastante diferente da linguagem jornalística mais associada à objetividade e isenta de juízos de valor, adotada pelo jornalismo hegemônico para gerar um efeito de isenção. Isso não significa que os demais veículos não tenham posicionamentos bastante explícitos em colunas, no endosso aos textos do Observatório do Clima e inclusive em outras notícias, porém *Colabora* e *Envolverde*, no geral, tendem a ter um discurso mais contido, com uso da terceira pessoa e sem tantas adjetivações e ironias como aquele apresentado por *Conexão Planeta*.

Observando a cobertura dos três veículos ao longo dos dois anos de análise, chama a atenção que em *Colabora* houve um acréscimo significativo nos temas atrelados aos efeitos (de 10 textos em 2019 para 30 em 2020) e uma queda no que diz respeito às ações pró-clima. Isso também ocorre em *Envolverde*, de forma me-

nos abrupta em 2020 (de 13 para 20). A diminuição da quantidade de matérias associadas às ações pró-clima ocorreu nos três meios. Essa mudança de enfoques prioritários coincide com o período da pandemia, que inviabilizou manifestações em ruas e espaços abertos, por conta das orientações, inclusive vocalizadas por Thunberg, de que era preciso ouvir os cientistas e evitar aglomerações. Foi também em decorrência das medidas de segurança para evitar o contágio da Covid-19 que em 2020 não teve COP, outro momento importante para a cobertura climática e que reunia ativistas, além das autoridades políticas.

Se em 2019 houve um florescimento de mobilizações públicas pelo clima, em 2020 essas manifestações ficaram reduzidas ao campo virtual e perderam fôlego, inclusive por conta dos cancelamentos e/ou adiamentos de reuniões políticas, durante as quais a sociedade civil planejava tais ações. O aumento das notícias sobre efeitos das MCs preenche esse vazio, por serem derivadas de estudos que conseguiram prosseguir na pandemia, mas também pelo maior volume de consequências climáticas observado: em 2020 tivemos novos recordes de temperaturas, aumento de focos de incêndio no Brasil, nos Estados Unidos e na Austrália, entre outros registros de degelo e morte de espécies por conta das anomalias climáticas.

As críticas à inação decaíram de 2019 para 2020 em *Conexão Planeta* (de 19 para seis), embora a atuação governamental em termos de políticas climáticas não tenha sofrido alterações, seja no governo de Bolsonaro, seja no de Trump. Isso faz com que em 2020 a terceira posição seja ocupada por “soluções” e não “crítica à inação”, podendo ser um sinal de interesse mais propositivo, orientado para o jornalismo construtivo. Contudo, para uma avaliação mais robusta dessas mudanças seria importante estender ainda mais o período temporal de análise, não apenas para avaliar como a crise sanitária afetou no longo prazo a cobertura do clima, mas para confirmar se o tópico “crítica à inação” é frequente, independentemente do governo que está no poder.

Adiciona-se ainda que em 2020 houve uma diminuição de financiamento de projetos, de forma geral, o que provavelmente deve ter impactado os veículos menos estruturados mais seriamente do que aqueles hegemônicos. As consequências da covid-19 seguem em andamento, mas é provável que demissões ou impossibilidade de contratar *freelancers* também tenha contribuído com a redução da cobertura (em 2019 foram contabilizadas 265 publicações e em 2020, apenas 217).

### Considerações finais

Verificou-se que os silenciamentos a respeito das causas e das alternativas que poderiam romper com o sistema dominante existem mesmo na mídia não hegemônica, havendo alguns espaços de discussão, de forma similar ao que já ocorre nos veículos hegemônicos, que sempre possuem brechas ou escapes para discursos diferentes daqueles esperados. Este estudo comprova que há mais pontos convergentes com o jornalismo hegemônico do que o contrário, como já havia constatado Kenix (2011) em estudo com jornais estrangeiros.

O campo científico é recorrentemente acionado, sobretudo para explicar os efeitos e indicar as medidas reparadoras, principalmente na área de mitigação, reforçando a visão moderna de que a ciência detém o conhecimento universal e pretensamente neutro. As notícias baseadas em divulgação de relatórios ou estudos científicos são aquelas que mais se aproximam do formato e linguagem do jornalismo hegemônico. Os cientistas são atores-chave porque alertam sobre os perigos e suas razões, atuando como fontes em notícias sobre as consequências e causas, mas também recomendando as ações, estando presentes nas avaliações, críticas e convocações das soluções mais adequadas para enfrentar as MCs. A grande quantidade de notícias enquadradas sob o tópico dos efeitos e com abrangência internacional, com enfoque sobre o Norte Global, assim como apurado nas pesquisas

realizadas com veículos hegemônicos, confirma que as rotinas, os valores e os critérios de noticiabilidade do campo jornalístico são fortemente influenciadores das pautas climáticas, independentemente da modalidade jornalística.

Apesar de valores e características específicos, as duas modalidades de jornalismo (hegemônico e não hegemônico) são fruto de uma mesma construção simbólica, fortemente revestida e permeada pelo pensamento dominante. Esta pesquisa evidenciou, a partir dos discursos sobre a crise climática, que o chamado jornalismo não hegemônico apresenta uma série de vínculos com o jornalismo hegemônico, o que nos faz refletir sobre seu real potencial emancipatório. A perspectiva do Norte Global ainda influencia a prática jornalística, mesmo naquelas modalidades em posição distante do que é posto como hegemônico.

Nos veículos investigados foi possível examinar que as fontes oficiais (especialmente as políticas) não receberam tanto espaço quanto as fontes da sociedade civil, porém muitos ativistas foram consultados e/ou citados reiteradamente (o caso exemplar é o de Greta Thunberg), diminuindo a pluralidade de vozes, ou ainda eram atores já famosos, como no caso das celebridades-ativistas. Mesmo as vozes do Sul, que correspondem a uma parcela pequena das fontes do *corpus*, são reduzidas a alguns poucos grupos indígenas e quilombolas (foram fonte somente em uma das matérias), deixando sem espaço marisqueiras, ribeirinhos, associações ou cooperativas de agricultores agroecologistas e outros segmentos periféricos e marginalizados. Dessa maneira, os saberes locais e não científicos são invisibilizados e deslegitimados também por esses veículos.

Em todos os casos estudados, descobriu-se que a imprensa hegemônica serve de fonte, de maneira direta (quando há reprodução do conteúdo) ou indireta (quando ela é citada, mas dentro de uma nova narrativa). Não obstante as histórias possam ser as mesmas – e inclusive se confie na apuração da modalidade tradicional –, a construção discursiva pode ser bem diferente. E talvez esse seja o grande achado do estudo: por ser feito por jornalistas que acreditam no papel transformador da informação sobre meio ambiente, as críticas manifestas ou patentes emergem por meio de ironias, questionamentos, elogios e despreços. Não se tem como meta a objetividade ou o equilíbrio informativo (que tanto provocou problemas de percepção sobre as MCs nos países de língua inglesa no passado). *Conexão Planeta* é o meio jornalístico que mais corresponde a esse perfil dentre os veículos estudados, embora seja também aquele que se pauta por acontecimentos globais, muitos deles localizados em países do Norte Global.

Sob um olhar panorâmico, a necessidade de crescimento não é posta em xeque, assim como as externalidades negativas são apagadas, sendo pontuais as críticas ao discurso neoliberal, quando comparadas com a promoção da economia verde, ideia atualizada a partir dos ODS, ao tratar da recuperação pós-pandemia. Soluções gerenciais, como aumento da eficiência energética, substituição por transporte menos poluente e precificação do carbono são medidas que se repetem em notícias diferentes.

Os dois veículos que mais cobrem as questões nacionais, *Colabora* e *Envolverde*, são fortemente perpassados pela abordagem hegemônica da ONU – o que não significa que *Conexão Planeta* não seja, embora não assuma isso desde sua organização de conteúdos. Reforça-se ainda que o fato de o pensamento dominante estar presente nos meios estudados não minimiza ou descredita suas críticas e os momentos em que traz alternativas ou resistências.

Por fim, reitera-se que a colonialidade do campo jornalístico, até mesmo em veículos não hegemônicos, acaba por reforçar e naturalizar a dominação ambiental. Atravessada pela ideologia antropocêntrica, orientada para o pensamento único que pressupõe uma superioridade do Norte sobre Sul, tal lógica jornalística segue dando visibilidade aos atores, temas e posicionamentos que são legitimados pela *status quo*, que contribui para o agravamento do colapso climático.

## Referências

- BOSSATO FERNANDES, K. **Informação e engajamento político**: a produção de sentido no jornalismo alternativo audiovisual no Brasil, na Espanha e em Portugal. Tese (Doutorado em Estudos de Comunicação: Tecnologia, Cultura e Sociedade) – Universidade do Minho, Portugal, 2019.
- BOYKOFF, M. T. **Who speaks for the climate?** Making Sense of Media Reporting on Climate Change. USA: Cambridge University Press, 2011.
- BRUGGEMANN, M.; ENGESSER, S. Between Consensus and Denial: Climate Journalists as Interpretive Community. **Science Communication**, v. 36, p. 399-427, 2014.
- BUTLER, C.; PIDGEON, N. Media Communications and Public Understanding of Climate Change: Reporting Scientific Consensus on Anthropogenic Warming. *In*: BOYCE, T.; LEWIS, J. **Climate Change and the Media**. New York: Peter Lang Publishing, 2009. p. 43-58.
- CARVALHO, A. Discurso mediático e sociedade: repensar a Análise Crítica do Discurso. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, BA, n. 9, p. 175-199, 2015.
- CARVALHO, A.; VAN WESSEL, M.; MAESELE, P. Communication Practices and Political Engagement with Climate Change: A Research Agenda. **Environmental Communication**, v. 11(1), p. 122-135, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17524032.2016.1241815>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- GIRARDI, I. M. T.; LOOSE, E. B.; ALMEIDA DA SILVA, J. O jornalismo ambiental na concepção de quem o faz: estudo com jornalistas da América Latina, Caribe, Portugal, Espanha e países africanos de língua portuguesa. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, v. 2, n. 2, p. 48-66, 2018.
- GÓES, J. C. **O jornalismo e a experiência do invisível**: identidades, lusofonias e a visível herança colonial brasileira. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- GÜNAY, D.; ISERI, E.; ERSOY, M. Alternative Media and the Securitization of Climate Change in Turkey. **Alternatives: Global, Local, Political**, v. 43(2), p. 96-114, jan. 2019.
- GUNSTER, S. Radical Optimism: Expanding Visions of Climate Politics in Alternative Media. *In*: CARVALHO, A.; PETERSON, T. R. (ed.). **Climate Change Politics: Communication and Public Engagement**. Amherst, NY: Cambria Press, 2012, p. 247-277.
- HACKETT, R. A. Alternative media for global crisis. **Journal of Alternative and Community Media**, v. 1, p. 14-16, 2016.
- HULME, M. **Why we disagree about climate change**: understanding controversy, inaction and opportunity. New York: Cambridge University Press, 2009.
- KENIX, L. J. **Alternative and Mainstream Media: The Converging Spectrum**. Nova York: Bloomsbury Academic, 2011.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEFF, E. **Discursos sustentáveis**. São Paulo: Cortez, 2010.

LOOSE, E. B. Jornalismo e Mudanças climáticas. **Revista Alceu**, v. 20, n. 38, p. 107-128, 2019.

LOOSE, E. B. **Jornalismo e riscos climáticos**. Curitiba: Editora da UFPR, 2020.

MOERNAUT, R.; MAST, J. Fighting carbon dioxide or fighting humans? The ideological fault lines underlying two climate change frames. **International Journal of Media & Cultural Politics**, v. 14, n. 2, p. 123-152, 2018.

MORAES, C. H. **Entre o clima e a economia**: enquadramentos discursivos sobre a Rio+20 nas revistas *Veja*, *Isto É*, *Época* e *Carta Capital*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NEVERLA, I. The IPCC-reports 1990–2007 in the media: A case-study on the dialectics between journalism and natural sciences. **International Communication Conference**, Montreal, 2008.

O'NEILL, S.; NICHOLSON-COLE, S. “Fear Won't Do It”: Promoting Positive Engagement with Climate Change through Visual and Iconic Representation. **Science Communication**, v. 30, n. 3, p. 55-379, 2009.

PAINTER, J. **Climate Change in the Media**: Reporting Risk and Uncertainty. London: I.B. Tauris & Co. Ltd, 2013.

PEPERMANS, Y.; MAESELE, P. Climate Change Journalism: From Agony to Agonistic Debate, **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 40, p. 125-140, abr., 2017. DOI. 10.5380/dma.v40i0.49257.

RESENDE, V. M.; ACOSTA, M. P. T. Apropriação da análise de discurso crítica em uma discussão sobre comunicação social, **Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte**, v. 26, n. 1, p. 421-454, 2018.

ROBIE, D. Timely climate media strategy to empower citizens. **Pacific Journalism Review**, v. 22, n. 2, p. 221-224, 2017.

SHANAHAN, M. Time to adapt? Media Coverage of Climate Change in Nonindustrialised Countries. In: BOYCE, T.; LEWIS, J. **Climate Change and the Media**. New York: Peter Lang Publishing, 2009. p.145-157.

SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. P. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

TORNEL, C. Introducción. In: TORNEL, C. (coord.). **Alternativas para limitar el calentamiento global en 1.5°C**: Más allá de la economía verde. Ciudad de México: Fundación Heinrich Böll, 2019. p. 27-83.

VAN DIJK, T. A. **Discurso, notícia e ideologia**: estudos na Análise Crítica do Discurso. Porto, Portugal: Campo das Letras, 2005.

VIVARTA, V. (coord.). **Mudanças climáticas na imprensa brasileira**: uma análise comparativa de 50 jornais nos períodos de julho de 2005 a junho de 2007- julho

de 2007 a dezembro de 2008 (Relatório de Pesquisa/2010). Brasília, DF, Agência de Notícias dos Direitos da Infância (Andi), 2010.

ZOCCOLI CARNEIRO, C. “**Caos no clima**”: sensacionalismo, comunicação da ciência e a narrativa de O Globo sobre o aquecimento global. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.